

---

## ANTOLOGIA DO ROMANCE FOLHETIM

Ana Lúcia Richa  
Mestranda em Literatura Brasileira UERJ  
ana\_richa@hotmail.com

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997, 245p.

“Discurso inventado para a instrução dos homens”<sup>1</sup>

A antologia organizada por Tânia Rebelo Costa Serra, professora de literatura brasileira da Universidade de Brasília, oferece um panorama do início da produção do romance-folhetim no Brasil. A autora resgata textos publicados no período de 1839 a 1870, que não foram republicados no século XX e que tenham aparecido pelo menos uma vez em livro no século XIX. Observando os onze romances-folhetim transcritos no livro, podemos destacar o caráter moralizante e a tendência melodramática. A respeito dessas características formulamos algumas considerações.

Em primeiro lugar, o caráter moralizante faz parte da história do romance. É preciso lembrar que este tipo de prosa, em sua formação, precisou apelar para a função moral e educativa para deixar de ser olhado com desconfiança pelos leitores:

Porque não sendo a Novela senão um discurso inventado para instrução dos homens debaixo da alegoria de uma ação, pareceu-me este meio o mais conveniente de dar algumas idéias de Moral e de Política, misturando agradavelmente... (ALVARENGA , 1997, p. 179)

---

<sup>1</sup> ALVARENGA, Lucas José de. *Statira e Zoroastes*, p.179, in SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

Esta passagem da Introdução do romance *Statira e Zoroastes*, escrita por Lucas José de Alvarenga, é bastante significativa em se tratando do caráter moralizante do romance-folhetim.

Encontramos algumas pistas que justificam esta característica na introdução crítica escrita por Tânia Rebelo Costa Serra. Na Europa, sabemos que o romance-folhetim aparece após a revolução industrial, numa sociedade em processo de urbanização. Muito mais do que diversão para a massa de operários, o romance-folhetim deveria agir como educador, ou seja, como veículo de valores da sociedade industrial urbana.

Já no Brasil, encontramos uma sociedade em busca de identidade após a emancipação política, uma elite que tem um olhar voltado para a Europa e acredita na equiparação do jovem país às nações européias. O romance-folhetim é mais um instrumento para alcançar esse intuito. Há que ser atentar para a quase simultaneidade do aparecimento do romance-folhetim na Europa e no Brasil: tendo sido publicado o primeiro romance-folhetim no jornal francês *La Presse*, em 1836; já em 1839 a experiência chega aos jornais brasileiros. Isto revela uma grande atualização dos escritores da época.<sup>2</sup>

Tanto na Europa como no Brasil, o caráter moralizante do romance-folhetim tem a intenção de apontar para um modelo de sociedade a ser alcançado. E esse modelo seria baseado nos valores industriais, urbanos e, também, cristãos. Se em alguns casos encontramos crítica social ou moral, essas críticas são justamente nos pontos, fenômenos e situações que se afastam da utopia romântica de sociedade modelo. Ressalva-se que, no caso brasileiro, os valores industriais ainda não se haviam implantado, por isto mesmo o tom moralizante tanto dos costumes quanto da valorização do ideal de nacionalidade.

---

<sup>2</sup> Sobre este ponto, é interessante a leitura do trabalho de Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história* (Cia das Letras).

Tânia Serra fala de um aumento de quase três vezes da tiragem do jornal francês *La Presse*, na ocasião em que começou a usar o recurso do folhetim, como vimos, em 1836. Sem esquecer do papel decisivo da imprensa em vários movimentos revolucionários, com destaque para a Revolução Francesa, os veículos de informação, entretanto, optam muitas vezes por uma postura conservadora, especialmente se isso for necessário para o aumento das vendas. Este foi o caminho trilhado por Émile Girardin, dono do jornal *La Presse*, ao passar a publicar os capítulos deste novo tipo de prosa de fundo moral no seu periódico: o jornalista acertou em cheio nos anseios do seu público-alvo. A partir disso, fica claro que, complementarmente ao interesse moralizante de uma elite intelectual e política, existia o desejo inclusive entre as classes menos favorecidas de consumir produtos culturais impregnados de lições de moral. Entende-se que num momento de instabilidade (o qual, segundo Tânia Serra, propiciou o desejo pelo folhetim, que traria evasão, fonte de prazer e bem-estar)<sup>3</sup> o caráter moralizante é necessário e almejado por indicar objetivo, rumo e modelo seguro para o qual a sociedade deve trabalhar.

Relacionado à característica moral, está a visão maniqueísta dos enredos dos romances-folhetins que divide as personagens principais entre bons (mocinho e mocinha ou herói e heroína) e maus (vilões: ambiciosos, bandidos e prostitutas). Concentra-se no primeiro grupo todas as características do homem e mulher participantes desta sociedade ideal e no segundo grupo as características a serem repelidas por gerarem os desvios e perversões degradantes da sociedade.

Buscamos pistas na introdução crítica da antologia para falar também da tendência melodramática do romance-folhetim. Acoplado ao romance-folhetim, está o gênero

---

<sup>3</sup> Diz Tânia Serra em sua *Introdução Crítica*, p. 12: “Se (...) identificássemos no atual momento histórico um período de prioridade da ficção, poderíamos concluir que os momentos históricos de grande tensão social trazem embutidos em si a necessidade do divertimento e do prazer, ‘produtos’ veiculados principalmente pela evasão”.

dramático, especialmente o melodrama no seu aspecto sensacionalista. Ao lermos o texto de Gonçalves de Magalhães, *Amância*, percebemos tal fator ainda com mais clareza:

– Amância!... bradou Jorge, erguendo-se da cadeira como um possesso, e colocando-se no meio da sala com uma atitude tão trágica, que se me arrepiaram os cabelos. (MAGALHÃES, 1997, p. 97)

Tânia Serra nos fala de uma busca de divertimento, prazer e bem-estar, ao mesmo tempo em que uma curiosidade e fascínio pela desgraça, pelas situações limites ou apaixonantes. Tudo isto nos remete quase que automaticamente à definição de tragédia em “Arte Poética”, de Aristóteles:

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas, segundo as partes; ação apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 1965)

No caso de nosso estudo, devemos ler esta definição compreendendo que a ação importante a que se refere Aristóteles é, no caso do romance-folhetim, a ação de fundo moralizante para os parâmetros da sociedade em que surge. Da mesma forma, esta ação se passa com os heróis desses tempos, que são os homens honrados e as mulheres virtuosas.

No que se refere à extensão do romance-folhetim, esta será determinada pela capacidade de prender a atenção do público (e, em alguns casos, do espaço disponível no veículo). E o estilo agradável se refere à separação em capítulos, aonde as tensões vão se agravando progressivamente, mantendo o suspense no desenlace das tramas paralelas que se costumam no conflito geral. A ação, ao contrário da tragédia, é apresentada com o auxílio de uma narrativa. Contudo a narrativa está calcada na descrição teatral dos cenários e situações.

No romance-folhetim, a compaixão e o terror são suscitados pelas histórias de desgraça humana e amores contrariados e têm o efeito de purgação e também de educar o leitor. Deste modo, inclusive a sua proximidade com o melodramático serve ao caráter moralizante. Também não devemos esquecer que este parentesco com o teatro possibilita uma proximidade maior da literatura oral, o que é decisivo para o sucesso em um país com o público leitor em formação como o Brasil oitocentista.<sup>4</sup>

Por fim, podemos considerar que a antologia organizada representa uma relevante contribuição para a história do surgimento do gênero romance na literatura brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Lucas José de. *Statira e Zoroastes*, p.179, in: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- ARISTÓTELES, *Arte Retórica*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1965.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade; estudos de teoria e história literária*. São Paulo, Nacional, 1965.
- MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Amância*, p.97, in: SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1389 – 1870)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

---

<sup>4</sup> Sobre este tema, ver CANDIDO (1965).